



Antônio Campos

Portal de sonhos

POEMAS


escrituras

Portal de sonhos

Antônio Campos

Portal de sonhos

POEMAS


escrituras

Copyright © 2008 do Instituto Maximiano Campos

Todos os direitos reservados desta edição.
Reprodução proibida, mesmo parcialmente, sem autorização do
Instituto Maximiano Campos.

IMC | Instituto Maximiano Campos

Rua do Chacron, 335 | Casa Forte | Recife | PE | Brasil | CEP 52061-400

Telefones: (81) 3267.5787 | 3304.7342

<http://www.imcbr.org.br> | imc@imcbr.org.br

Editor: Raimundo Gadelha
Coordenação Editorial e Gráfica: Fernando Benetti

Projeto Gráfico: Patrícia Lima
Impressão: EGG Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
[Clínica Brasileira de Livros, SP, (Brasil)]

Campos, Antônio

Portal de fontes / Antônio Campos. -

São Paulo: Escrituras Editoras; Recife, PE:
IMC - Instituto Maximiano Campos, 2008

ISBN: 978-85-7531-298-3 (Editora Escrituras)

1. Poeta brasileiro. I. Título

08-04528

CDD - 899.01

Índice para catálogo sistemático:
1. Poeta: Literatura brasileira / 898.01

IMPRESSO NO BRASIL - 2008

*Um dia, virá a palavra,
e o tempo correrá
ao nosso lado.*

*Escrita, colheita e feita:
o sofrimento domesticado.*



A outra voz de Antônio Campos

*As festas oviam a sereno voz
do bem e a julgarão entoaquiescê.*

*Pode não ser paz a morte sem tranqüilo e vida,
há sonhos no homem que sem a eternidade limita.*

Antônio Campos

Schlegel dizia que todas as pessoas que amam a poesia são por ela reunidas e aparentadas em laços inseparáveis. Porque elas têm uma maneira especial não só de ser, como de ver e sentir os eventos do cotidiano, daí o reconhecimento entre si que ocorre na classe dos autores, ainda quando a obra está oculta, e não surgida em livro, revista ou leitura pública.

O poeta, como Édipo diante da esfinge, identifica e decifra os signos qual Prometeu, que rouba o fogo dos deuses

e o reparte com os homens; como Icaro de asas coladas, que arremete sobre o mundo desde as alturas, anjo de Wim Wenders aspirando à materialidade da condição humana.

Conforme Octavio Paz, a poesia vem ser a outra voz, séria e subterrânea, que os poetas ouvem não de fora, mas de dentro de si próprios, dependendo, da modulação do sotaque, a sua singularidade, que lhe dará a marca da diferença como forma típica de uma existência. É que o ânimo do homem possui algo assim como uma verdade anterior, daí que a poesia sempre diz mais do que anuncia, porque consolida uma atitude diante do mundo, decisão do poeta em ser ele mesmo, para além da superficialidade dos simulacros em torno, do esteticismo vazio ou do diletantismo pedante. Ela há de ter sempre um caráter de assombro, um timbre de estremezimento, nunca um mero afã de novidade. Não a vejo

como mero refúgio, disfarçada filosofia ou substituta da vida; compreendo-a como necessária e jamais inútil, companheira sempre disponível à interlocução e ao diálogo.

Poesia: um modo onírico de legislar. *Portal de sonhos*. É o que sinto de imediato à leitura deste livro de poemas de Antônio Campos, advogado, escritor e produtor cultural, em que a outra voz, no caso a poética, vem nos surpreender e se nos apresenta em uma sucessão de quadros e temas, imagens e idéias, com uma dicção consentânea em seus traços principais, com a densidade intelectual e lingüística da poesia que se faz em Pernambuco, onde o local toca o universal com gosto de raiz e o sofrimento humano ascende à condição de princípio norteador da permanente resistência no desejo da conquista substancial mais grave:

*Amigos, esta lata é um castigo,
não quis nada além da solidão
que mora e vive em paz comigo.*

*Um dia virá a palavra,
e o tempo correrá
ao nosso lado.*

*Então, colheremos a safra:
o sofrimento domesticado.*

Uma reflexão sobre a percepção poética implica em aferir a relação do homem com a natureza através da linguagem. Talvez por isso, Mikel Dufrenne veja o poeta com a função de criar nos leitores/ouvintes o estado poético, que seria de encantamento, mas também de conhecimento, sonho que forma imagens em uma unidade de sons pré-aristotélica, ao modo do devaneio a que se referia Bachelard.

Perpassa por este livro toda uma atmosfera de melancolia irredimível, como se estivéssemos contemplando o quadro de Dürer com o anjo e seu esquadro, alegoria do poeta e do artista, contrastando com a banalidade sua aura inefável. Ou o anjo do renascentista Correggio, melancólico como o próprio autor, Antonio Allegri, cuja obra só vem a ser revalorizada no romantismo.

Entretanto, os versos estão carregados de uma intensidade contida, característica de um tipo de entrega amorosa que se encontra em extinção, devido à sua força selvagem e contínua, por sob a delicadeza cortês que vai do trovadorismo ao *dolce stil nuovo*, presente ainda nas estruturas dos poemas de certos autores nordestinos.



*Toma este pobre verso
feito de muito espanto,
damações, solidão e medo,
rima e força do meu canto.*

*Aprovelta enquanto é cedo
e seca com ele o teu pranto,
recebe nessa rima o meu zelo,
por todo esse teu encanto.*

*Se ando de ti tão distante,
não me esqueci que eras bela.
Nem meu amar um só instante
se arrefeceu nessa longa espera,
pois é teu este poema andante
e a paixão que nele se revela.*

Sendo prazer e lucidez para o homem, a poesia nos ensina algo sobre nós mesmos, nos conduzindo a sentimentos ainda não experimentados. Ajuda-nos a penetrar nos mistérios da física, pois se constitui naquela realidade absoluta de que falou Novalis, na crítica da vida referida por Matthew Arnold, feita de modo breve (Poe), harmonioso (Coleridge), espontâneo (Wordsworth); espelho e caleidoscópio do mundo interior e circundante do poeta, sempre atento às analogias e conexões, desde o fantástico onírico à radicalização empírica da memória.

O poema pode ser apenas a tradução de algo que o precede, mas que vai importar bem mais do que ele: daí a proposta de Rimbaud: chegar ao desconhecido pelo desregramento de todos os sentidos, o que levou Steinmetz a dizer tratar-se a sua poesia de um espetáculo de lanterna mágica.

Principalmente, diga-se que a poesia é sobretudo uma ênfase, em que o sentido já vem presente no som da palavra. Uma arte combinatória em direção contrária à máscara, mas que não a ignora, antes, a transforma. Ela é que criou a linguagem na infância da sociedade, daí seu caráter de anotação de uma resposta, sendo o poeta o articulador do inexistente como possibilidade e da realidade como sonho alcançado, homem-metáfora que, obstinado, edifica a sua parábola.

Sua explosão de afetividade passa pela carne, no calor dos trópicos do Nordeste, terra de heróis e homens bravos ainda ligados a uma perspectiva mítica de sua própria terra, com algo de grego na paisagem de excessiva claridade que serve de cenário à sua busca e à sua solidão. Carioso, sendo o autor urbano, seus versos são bucólicos e remetem a um outro tempo, mais freqüentado de rigor e serenidade, em que

a vida é sempre uma luta que fortalece a mitologia do destino, em sua lenda fatalista:

*Era a fé e bravura,
no peito sem armadura,
o acreditar que a sorte
despreza quem não a procura.*

Após a sucessão de verdadeiras telas do Nordeste, substantivadas na primeira parte do livro, Antônio Campos prolonga, na segunda parte, o fôlego rítmico de sua enunciação lírica, tornando-se mais direto e próximo do seu objeto estético, de maneira mais coloquial e adentrando-se naquele verso chamado *livre*, que Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade demonstraram ser, muitas vezes, mais corrigido ainda do que o tradicionalmente metrificado. A

paisagem inclui o oceano e suas águas, vem à tona o sonho tornado irre recuperável, tempo de exílio e juventude irremediavelmente fugitiva.

*Diante do mar,
recolho minha lonca esquadra.
Ela chega de viagens e distâncias,
insensata.
Navegou tantas sonhas
que se perdeu nos caminhos:
o tempo virou espuma,
ondas e redemoinhos.*

*Diante do mar,
a juventude partida,
o possível exílio,
as guerras perdidas,
brisa, sargaço e maresia,
a solidão, a espada
e o haver zanhada,
irredimível.*

Das veredas, a memória reconduz a luz de candelários e vagalumes da casa branca e do jardim que se mistura ao verde na paisagem do lugar ameno, dos motivos bucólicos; a descrição da natureza vai impregnar essa poética despreocupada de retóricas, poesia de um pastor de sonhos ao modo dos goliardos, o relevo da mata sinuosa cortando a paisagem como um paraíso ainda não de todo perdido.

nas verdes campinas molhadas.

*O rio corre lento, maior que
o terraço que rosieja a casa.*

*Noites de escuro, candeeiros acesos,
bandas de vagalumes imbuídos de pavio,
cobertos de lata.*

*A casa é branca; e o rio, castanho
como o mel e as crinas dos cavalos.*

*O jardim não tem tamanho, dura toda
a Mata sem intervalos.*

Talvez a grande virtude da poesia consista em nos fazer iguais a ela, assim em pleno êxtase, inmersos nessa zona singular da alma, entre a palavra e o imaginário, via de acesso a uma cosmogonia feita da infância da humanidade, sua re-

ligião primordial, anímica e mágica, primeira abertura para o mundo que, através dos símbolos, nos doa a resposta. O poeta vai e liberta a palavra da natureza; e o segredo do poético está justamente nessa força ao manifestar-se, no desenho como na partitura do verbo inconfundível em sua marca.

Interessa verificar como as artes plásticas estão integradas ao ritmo e à sonoridade dos poemas, a ponto de ser esse traço objeto de confissão do próprio autor:

*Dessas virzeas da Mata
e desse mar sereno,
fiz uma rede para descanso,
tornei grande o que era pequeno.*

*Sou pintor de desejo; cum as palavras,
quero pintar a minha terra.*



*Aqui no Nordeste, neste claro litoral,
Deus foi um pintor que usou todas as tintas,
fazendo um estranho e gigantesco mural
para que todas as cores se vejam e sintam.*

Pintura; poesia mural; poesia: pintura que fala. Sim, um livro de poesia como se fosse um mural. E o poeta-cavaleiro em seu galope nordestino torna-se possuído por seus sonhos, prisioneiro de seu elmo onírico, atravessando os rituais mais difíceis, na busca de um Graal não definida, mas com a severidade aristocrática de um rei unido com a sua terra, que só diante da presença do cálice encontraria a salvação. E o que isso significaria, na visão mítica? A força perdida, mas não a imaginação; o poder quebrado, mas não o sonho; o Portal de sonhos.

*Com esta terra, aprendi que a vida
também vive na morte
e que Deus dá diferentes ritos
para que o homem carregue o mundo e o suporte.*

Dor de viver, alegria de estar vivo. Todos somos isso, essa bipolaridade, essa ciclotimia, esse entusiasmo, essa desilusão. A qualquer instante, uma mudança súbita, um levantar de barcos com bandeiras coloridas, uma exaltação e uma febre pelo que se pensa encontrar em lugar nenhum, uma lebre que se tira da cartola sob uma capa que esconde truques muito antigos. A poesia também com esse caráter lúdico do circo que não esquecemos na nossa infância, olhos perplexos diante do impossível multiplicado em fundos falsos já em decomposição, mas que para nós tinha a supremacia de um poder acima da banalidade do cotidiano.

*Só a coragem liberta
a viver amarrado no medo,
que o mundo é um velho mágico
cheio de estranhos segredos.*

Espera e crença no milagre, no fantástico, no absurdo, no maior dos impossíveis. Essa é a atmosfera em que nos introduz Antônio Campos neste seu primeiro livro de poesia, que se insere desde já no panorama por ele traçado em significativa antologia do que tem representado, no cenário nacional, a bela poesia pernambucana. Além dos livros anteriores, que incluem inclusive uma antologia do conto em Pernambuco, Antônio tece agora para nós a outra voz, a que foi chamada poesia por Octavio Paz, com a humildade e a altivez híbridas do poeta, fazendo a sua parte nesse jogo e nessa viagem com que todos nos defrontamos.

Lucila Regina



Parte 1

A luta	28
A espera	32
A cidade	36
A vereda	40
A manhã	42
O aniversário	44
A safra	48
A paixão	50
A duração	54
O cavaleiro	56

Parte 2

Diante do mar	64
Paisagem	68
Reino do verde	72
Aprendizado com a terra	76
Manhã recifense	82
No alpendre	88
Mundo, mundo	92
Sina sorte	96
Manhã de domingo	98
As feras	100



Parte 1

A lula



Amigos, esta luta é um castigo,
não quis nada além da solidão
que merei e vive em paz consigo.

Em duas lutas estou envolvido,
e a mais difícil e árdua é mesmo consigo,
aquela sem escolta e guarda, sozinho prossigo.

Amigos, nada de riso amargo,
palavras vãs, revidas e desagradáveis,
só a paz serena, e isso não trago.

Não a trouxe, porque a perdi.
Na chama de inquietos medos e sonhos,
o que de melhor havia em mim, consumi.

Amigos, sendo guerreiro derrotado
em todas as batalhas, guerras e lutas,
não retire a armadura e o orgulho

de ser apenas alguém que,
sem ressentimento e mágoas,
sabe a distância entre o tudo e o nada.

A espera



Esta espera é pássaro ferido,
inerte desejo de vilo e altura.

Acima: o céu azul e limpo,
ao lado: o sangue a escorrer puro;

Esta espera é prolongado sono,
tempo dado ao momento de partida.

É instante de decisão entre o voo, mesmo ferido,
ou a chã sangrento, o resto de vida.

Esta espera é consciência do tempo,
hora e momento, apreendido com a terra:
as suas estações, tempo de sol e escura noite,
verão áspere e inverno desmanchando-se em águas.

Esta espera é o coração quem destina, momento além das horas,
antes e depois das marcas, é tempo
aprisionado, mas tempo nesse,
certeza e engano, nosso sosho imperturbável.



A cidade

Nesta cidade, crescem os edifícios e a miséria,
o rio é um punhal castanho,
sangra a cidade com mansa punhalada.

A sombra de ódios e conflitos
esperna a paz nas negras tintas dos jamaís.

As rapinas soltas bicam o calçamento, lançam lamentos.

Entre o asfalto sujo e o céu impuro,
restam o homem e o que passa tor de fé, ânimo e coragem.





A vereda

Para compreender o mundo e a sua balança,
comprei uma casa na beira da estrada
com seus horizontes da natureza.

Mas, entre a alegria e o desgosto,
entendi que a vida
é estreita vereda sem retorno.



A manhã

A manhã cheia de guizos
crescia com a claridade.

Os bichos se estendiam ao sol
para que mãos de luz os acariciassem.

O silêncio fazia parte da paisagem, era alvo,
e os ruídos saíam das suas entranhas
como bruscas partições que do seu ventre saltassem.

Tudo era o mesmo, mas sempre novo,
um repetir diversamente, a mesma oriança.



© aniversário

Neste dia de aniversário,
recardo e lembro, no embalo
das velhas amizades, o peso
da gasta palavra *sozinha*.

Carrega além do corpo
a danada mania das lembranças,
na busca de salvar do tempo
reinos e sonhos da infância.

Por isso, triste,
busco as fugidias alegrias,
insisto e teimo na teimosia
de querer viver antes e além dos dias.

Modifico, transformo e faço
o meu próprio calendário,
que o tempo também se inventa
apesar do seu indomável itinerário.



A safra

Na solidão e na tristeza,
melhor é ficar calado.

Um dia, virá a palavra,
e o tempo correrá
ao nosso lado.

Então, colheremos a safra:
o sofrimento domesticado.

A paixão



Toma este pobre verso
feito de muito espanto,
durações, solidão e medo,
rima e força do meu canto.

Aproveita enquanto é cedo
e seca com ele o teu pranto,
recebe nessa rima o meu zelo,
por toda esse teu encanto.

Se andas de ti tão distante,
não me esqueci que eras bela.
Nem meu amor um só instante

se arrefeceu nessa longa espera,
pois é teu este poema andante
e a paixão que nele se revêla.

A duração



Meu coração,
sino que já ninguém escuta,
espera,
marcando o compasso da luta.
Que cheguem flores
ou tormentas,
não desespere:
cada coisa vem ao seu tempo,
dura apenas o seu momento.



O cavaleiro

Era uma boa loucura,
um inenso querer,
o desprazer, a amargura
e o nada temer.

Era o sonho que embalsava,
era a vida que carregava.

Era o ideal lâmina afiada
cortando o tempo e as estradas.

Era um forte amor,
um destemor provedo,
o braço para luta brava,
um coração indomado.

Era a fé e a bravura,
no peito sem armadura,
o acreditar que a sorte
despreza quem não a procura.

Era uma estrada longa,
era o vontade de atravessar
levando a coragem ao lado,
não tinha tempo para chegar.

Era a solidão provada
de sonhos e batalhas,
o ver a morte de perto
e a glória que falha.

Era uma juventude bravia
e um querer invicto, o desprezar
as pompas, a morte e os ritos.
Era um riso sereno, uma voz sem grito.

Era a estrada crescendo
e o tempo nela correndo.
Eram as lembranças guardadas
e o desejar: o tudo ou a nada.

Era o querer ir em frente
e o saber que, embora somente
tendo o tempo ao seu lado,
ia adiante sem recuo nem atalho.

Era o ver mais do que podia:
o sol emendando as noites e os dias,
numa terra onde a morte fere
e sangra, embora Nordeste, eterno dia.

A black and white photograph of a savanna landscape. The foreground is dominated by tall, dense grass that appears to be blowing in the wind. In the middle ground, several trees of varying heights and shapes are scattered across the field. The background shows a line of trees under a clear sky. The overall scene is a typical representation of an African savanna.

Parte 2

Diante do mar

A black and white photograph of a beach. The foreground is a dark, textured expanse of sand. On the right side, waves are breaking, creating white foam that contrasts sharply with the dark sand. The waves are moving from the upper right towards the lower right, creating a sense of motion. The overall mood is serene and natural.

Diante do mar,
recolho minha louca esquadra.
Ela chega de viagens e distâncias,
insensata.
Navegou tantos sonhos
que se perdeu nos caminhos:
o tempo veio espuma,
ondas e redemoinhos.

Diante do mar,
a juventude partida,
o possível exílio,
as guerras perdidas,
brisa, sangue e maresia,
a solidão, a espada
e o haver senhado,
irredimível.

Paisagem



Só a paisagem me acompanha.
Não vejo nada se mover ao redor
do que a minha visão apanha.
Até no teto parou uma enorme aranha.
Pense na morte já que a minha angústia é tanta.
Ninguém atravessa os campos que dessa janela avisto.
O vento está ausente. O sol é forte e brasa.
Num esforço danado, procuro vida na memória.
Embele a rede, ergo o braço e vejo tudo mover-se novamente.
Um bai aparece na campina, um canário voa e trina.
Diviso na estrada uma figura fina:
pode ser uma mulher
ou uma réstia de sol.
Mas, esse cheiro de terra fômea,
sei que é flor nascendo nas várzeas.

Nesta rede que balança, levado pela imaginação
o meu coração dispara.
Procuro agarrá-la, mas sinto o vento levando-a
pelas várzeas da minha terra,
correndo mais de cem cavalos.

Reino do ver



O b

Lavadas manhãs p

se abram. E as mulheres e os s

cor também feita de

As casas são pinhais
fincados no massapé da Mata,
que, juncado das flores dos cajás
e flamboyants, terra cobre-se de ouro
como albre-se em chagas.

Em cada passada, uma poça d'água.
A terra querendo prender o homem:
guarda o rastro da sua caminhada.

O cheiro dos bogaris
nas varões campinas molhadas.

O rio corre lento, meior que
o terraço que rodeia a casa.

Noites de escuro, candeeiras acesas,
bandas de vagalumes imóveis de pavio,
cobertas de lata.

A casa é branca; e o rio, castanho
como o mel e a crina dos cavalos.

O jardim não tem tamanho, dura toda
a Mata sem intervalos.

O rio se alonga, se alonga
como um enorme braço que tudo
quisesse trazer de volta.

O tronco da minha terra é verde,
um verde-vivo, verde mais que verde,
a verde cor e sumo de todas as varões.



Aprendizado com a terra

Com a minha terra, aprendi:
o amarelo é fruta e pássaro;
o vermelho, sangue, flor e cauro;
e cinza, garrancho trágico.

Aprendi que, o tempo, é o coração que marca,
e esse carnaval em frente pode ser
o que desejar a mente: mar, oceano,
lanças, espadas ou canas-semente.

Mas, de tudo que possa ser, o carnaval será
cruz mais do que qualquer entre distúrcos.
Há nele um Cristo crucificado, embora
não seja visto por alguém que apenas passe.

Esta terra, que pode ser castanha ou vermelha,
tem apúcar nas entranhas, e os carnavais
apenas libertam o que as várzeas
de muitas ladeiras espolem em canas.

Mela cresceu Pernambuco e a sua gente,
cegada pela cor forte das frutas tropicais.
À beira desse mar sereno, derramamos,
como quem planta, o sangue e a honra.

Pintadas foram as casas-grandes de branco,
para que os bichos não as invadissem
e soubessem que a natureza é verde;
o rio, castanho; azul, o céu; e, branca, a marada do homem.

Mas nestas terras também há casas
de uma cor descoberta, neutra e morta,
de barreiras feitas, que nada dizem aos bichos,
que contanto a prestam e respeitam.

Mais do que as humanas vontades
que de outras casas, de branco caiadas,
decidem da vida, morte e honra
das que nas casas de barreiras moravam.

Aprendi também com esta terra
que a morte está sempre à espreita.
Nem homens, peixes e bichos estão livres
da fome, calada e espingarda que não os respeitam.

Compreendi que esse rio não corre em vão.
São recados dessa prisão, aqui é a única
coisa que não fica agarrada no chão.

Feito o carnaval que se repete em socas
e a miséria de geração a geração,
à semelhança da morte cotidiana, que nesta
terra é sina constante e tirana.

Com esta terra, aprendi que a vida
também vive na morte
e que Deus dá diferentes sines
para que o homem carregue o mundo e o sapente.

Manhã recifense



O galo canta a manhã recifense
que se abre em luz e claridade
como um vasto lençol de linho
revestindo de luz a cidade.

E as frutas em velhos quintais,
amarelos e vermelhos quando maduros,
deixam-se bicar pelos pássaros
que voam além dos antigos muros.

Aqui no Nordeste, neste claro litoral,
Deus foi um pintor que usou todas as tintas,
fazendo um estranho e gigantesco mural
para que todas as cores se vejam e sintam.

O Capibaribe pastoreia a sua cor castanha
nas várzeas verdes de uma grande planície,
buscando o encontro e o caminho de mar,
este enorme pássaro, e os seus arrecifes.

Aqui se encontram os caminhos para o sertão,
das ásperas terras dos descampos, onde ruma
e cresce, entre gatas, foras e bichos, a solidão.

Neste litoral, recifense e nordestino,
o mar se fez tão verde, claro e cristalino
que parece ser um espelho gigantesco que amplia
a visão do carnaval e do seu trágico destino,
que prende, encarcera e às vezes mata,
na beleza das suas flechas, pendões e bandeiras,
como se as canas fossem imensos espinhos
crucificando o trabalho de uma vida inteira.

Aqui é como se fosse uma grande casa,
cada janela pintada de uma cor forte,
onde a beleza morasse e vivesse nela,
sem segredos de frias e embutidos cofres.

Por isso, beleza que se oferece numa bandeja
revestida da cloridade que serve de alva toalha,
cheia de frutos, cones, sorv, gosto e cheiro
de um Pernambuco bom de brasileiro.

No alpendre



Falar de forças nucleares
nessa alpendre ensolarado
é querer pensar na morte
quando as cores crescem
e nascem bichos nos gestos.
Quando canários dourados
cantam, irmãos de dia,
e faço rede de sonho e embalo
nos cabelos perfumados de Maria.
Esquecer a beleza da água pampa,
querer ser cego sem guia,
não acreditar em assemblança
e que a noite vive preta de dia.
Falar de destruição e ódio
nessa alpendre ensolarado
é querer pesá-lo quando
se há força de estar acordado.

O destino desse rio manso correndo
para o mar selvagem tragá-lo.
Recusar a cor e o gosto
que se oferecem nos frutos,
amarelo, verde, encarnado.
Porque aqui as cores voam
e se fazem vivas nos pássaros.
E o tempo corre livreto,
conta-se pelas partições dos bichos
e várzeas que se repetem sem enfado.
Nesse alpendre ensolarado,
sou rico sem café nem ouro guardado,
vejo o rebancho da beleza de um pastor
que, depois de criá-lo, os olhos cegos
da irveja e do ódio crucificaram-no.

Mundo, mundo



Mundo, imenso mundo,
maior que a própria amplidão.
Mundo que as luzes não atancam,
de trevas também feito,
mundo antigo, meu irmão.
Mundo de ferro e aço e imersidão,
de guindastes, correntes de todos os tipos,
avião nos ares, navio nos mares,
por que essa solidão?
Mundo das duas faces,
da noite e do dia,
velho amigo do Sol na luz,
companheiro da Lua na escuridão,
mundo, meu camarada,
por que essa desolação?

Mundo na parte que é minha terra,
mundo nordestino, das terras do Brasil,
do mar ao sertão,
mundo, velho cão, verde e calcinado,
do massapé ao estarricado chão,
por que negas a mão?
Mundo, meu mundo, mais que mundo:
meu irmão.
Nascido na constelação do Sol,
meu abrigo e chão,
mundo que falavas comigo,
o que é feito de mito, da boca leucura, meu irmão?



Sina sorte

Só a coragem liberta
o viver amarrado no medo,
que o mundo é um velho mágico
cheio de estranhos segredos.

Nossa vida é um cego que
a vontade conduz pelas mãos.
O tempo é um guerreiro da traição,
mas para o sonho não há derrota
quando se faz escudo do coração.

Entre a sina e a sorte,
a vida e a morte,
a paz e a danação;
a nossa humana condição.

Manhã de domingo



Manhã cheirando
a fruto maduro.
Nascendo como um
girassol se abrindo.
Manhã da Recife, manhã de domingo.



As seras

As feras ouviam a serena voz
do bem e a julgavam enloquecida.
Certas de que a vida a si mesma encerra,
basta e limita, deboraram ideais e palavras,
cortaram com fogo, leil e traição a vida.
Restam sonhos em palavras construídas,
desejos impedidos na ação,
mas cresce o mito.

Enquanto o medo tece cadeias
e fortifica infernos,
a voz ecoa nos atordoados;
o bem existe, e o sonho é sem limite.
Os crucificados de esperanças desfilam
para os que se embriagam nas águas da bacia de Pilatos,
esquecidos de que, se os humanos morrem,
a Humanidade ao se renovar ressuscita.
Pode não ser paz a morte nem tranqüila a vida,
há sonhos na homem que nem a eternidade limita.



SOBRE O AUTOR

Filho do escritor Maximiano Campos, da Geração 65 de autores pernambucanos, Antônio Campos nasceu em 1988, no Recife, onde se licenciou em Direito em 1990, sendo hoje advogado especializado em Direito Empresarial e Direito do Entretenimento. Além disso, é presidente do Instituto Maximiano Campos – IMC (www.imcbr.org.br), sociedade civil voltada à valorização da cultura brasileira, especialmente dos valores literários, com ampla atuação em Pernambuco e no Nordeste.

Publicou as seguintes obras: *Moragoras* (2002); *Pense S. A.* (2002); *O Grande Fofão* (2003); *Diário Eletrônico – Edição 2004* (2004); *Visão e Resistência* (2005); além da plaqueta *A Arte de Advogar* (2004). Também organizou obras como a coletânea *Pernambuco, Terra de Poesia* (2005) e *Poesia em Cores em Pernambuco*.

Co-fundador do Instituto de Direito Privado da Faculdade de Direito do Recife, Antônio Campos pertence a várias entidades culturais e profissionais, a exemplo da União Brasileira de Escritores – Seção de Pernambuco; da Associação de Imprensa de Pernambuco, onde é conselheiro; da Academia de Artes e Letras de Pernambuco; e do 2º Conselho de Contribuintes da Receita Federal. Na área literária, tem se destacado como coordenador da *Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas* – Filipart, uma das mais bem-sucedidas iniciativas do País neste campo de atuação.



Fotos

Capa: Engenho Santa Idalina, Catolé do Rocha, PB, 2007.

Primeira folha de guarda: Bonito, PE, 2008.

Folha do rosto: Engenho Merajó, Nazaré da Mata, PE, 2007.

Página 06: São Miguel dos Milagres, AL, 2007.

Página 11: São Miguel dos Milagres, AL, 2007.

Página 16: São Miguel dos Milagres, AL, 2007.

Página 20: São Miguel dos Milagres, AL, 2007.

Página 23: Engenho Santa Idalina, Catolé do Rocha, PB, 2007.

Páginas 24 e 25: Bonito, PE, 2008.

Páginas 26 e 27: Baía de Pirau, Recife, PE, 2008.

Páginas 28 e 29: Calde, RN, 2007.

Páginas 32 e 33: Catolé do Rocha, PB, 2007.

Página 36: Ponte Maurício de Nassau, Recife, PE, 2008.

Páginas 38 e 39: Boca da Pina, Recife, PE, 2006.

Página 40: Engenho Junck, Vitória, PE, 2007.

Página 43: Beira, PE, 2008.

Páginas 44 e 45: Garanhuns, PE, 2008.

Página 48: Beira, PE, 2008.

Páginas 50 e 51: São José de Sobral, RN, 2007.

Páginas 54 e 55: Garanhuns, PE, 2008.

Página 56: Praia dos Carneiros, Tamondaré, PE, 2006.

Páginas 62 e 63: Serra Negra do Norte, RN, 2007.

Páginas 64 e 65: Praia de Porto, Barreiros, PE, 2002.

Página 66: Seaza, PB, 2007.

Páginas 70 e 71: Beira, PE, 2008.

Página 72: Engenho Morajé, Nazaré da Mata, PE, 2007.

Páginas 74 e 77: Engenho Santo Ildalino, Catolé de Rocha, PB, 2007.

Páginas 82 e 83: Ponte Banque de Macêdo, Recife, PE, 2008.

Página 89: Engenho Iguape, Vitória, PE, 2007.

Páginas 92 e 93: Serra Negra do Norte, RN, 2007.

Página 96: Timbalá dos Batistas, RN, 2007.

Páginas 98 e 99: Recife, PE, 2007.

Páginas 100 e 101: Serra Negra do Norte, RN, 2007.

Página 104: Serra Negra do Norte, RN, 2007.

Página 106: Bonito, PE, 2006.

Segunda folha de guarda: Bonito, PE, 2006.

Quarta capa: Engenho Poço Comprido, Vitória, PE, 2007.



Antônio Campos

Rua do Chacor, 335, Casa Forte
52051-400 – Recife – PE – Brasil
Fones/Fax: 55 (81) 3287.6787/3304.7342

camposad@camposadvogados.com.br
www.camposadvogados.com.br
www.lincdr.org.br
www.antonioacampos.com.br

Este livro foi composto em tipos Brivens Condensed, Minion Pro e Andra, pela designer Patrícia Lima, com fotos de Sotero Melo, e impresso pela SOB: Sotero Oblique e Escritório, Edição e o Instituto Maximiano Campos, em junho de 2008, ano do centenário do falecimento de Machado de Assis e do centésimo de nascimento de Guimarães Rosa.



ime

Instituto Mau Mau de Campos